



Manifestações da violência: novas modalidades de espaços e de vivência

A violência e suas manifestações nos mais diversos ambientes - dos familiares às ruas, dos locais de trabalho às salas de aula – bem como em representações nas mídias, em geral, com palavras ou imagens, compõem o nosso cotidiano. Neste aspecto, passa também a ser um tema que merece atenção por parte de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como a Filosofia, Educação, Comunicação e Informação, Saúde e outras.

Considerando a relevância de pesquisas envolvendo a violência e suas expressões, propomos o tema Manifestações da violência: novas modalidades de espaços e de vivência e convidamos os pesquisadores a refletir sobre o fato de que a violência permeia o cotidiano como uma espécie de linguagem que, de certo modo, movimentando o pensamento, as ações e as emoções das pessoas. Em que medida essa linguagem transforma as relações com o outro e com os objetos que nos rodeiam, construindo novas modalidades de espaços e de vivência? Como se desenham as relações familiares, no trabalho, as novas fronteiras entre o global e o local neste contexto? E como se estruturam os processos de construção de identidade cultural, as subjetividades? Estas foram questões então propostas.

Nessa perspectiva, compõem esse número da Revista de Estudos Universitários – REU – o artigo Claros e Escuros: violências na sociedade midiaticizada brasileira, de Laan Mendes de Barros e Sólton Barbosa Veloso Neto, que apresenta breve panorama da violência no Brasil, com dados estatísticos e discussões sobre a violência nas relações entre mídia e sociedade; apresenta também a violência midiática em debates entre identidade e alteridade e enfatiza a omissão dos meios de comunicação em tratar de problemas fundamentais para a compreensão da violência no país, sendo que em alguns aspectos eles chegam a estimular a violência.



Alberto Klein, em *Imagens ofensivas: desfiguração e refiguração midiática da alteridade*, com análises de duas imagens consideradas ofensivas - Papa-asno, de Martinho Lutero e Phillip Melanchton e uma charge de Luz, que representa comicamente o profeta Maomé, no semanário francês *Charlie Hebdo* -, aborda a questão da violência praticada pelas imagens e também a ela dirigida.

Signos Rebeldes: Uma Análise da Vinheta dos Vídeos do Anonymous é o título do artigo de Antonio Souza e Luciana Coutinho Pagliarini de Souza, que apresenta a análise mencionada no título, permeada por discussões sobre a violência, sob o ponto de vista do filósofo Slavoj Žižek, bem como sobre a questão do tribalismo, na perspectiva de Michel Maffesoli.

Carolina de Oliveria Silva e Rogério Ferraraz, em *Não há lugar para mulheres neste filme: A ausência feminina em “Cães de Aluguel” (1992)*, apresentam reflexões sobre o modelo cinematográfico hollywoodiano desenvolvido nas décadas de 70 e 80, que enaltece o poder, a autossuficiência e a força física e que é marcado pela ausência feminina.

Em artigo intitulado *Reflexões sobre os povos vulneráveis como produtores de violência*, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza trata de representações visuais do corpo esquartejado/decapitado, percorrendo, de modo geral, as artes plásticas, o cinema e o jornal.

O artigo *Bullying e cyberbullying: duas faces da mesma realidade*, de Karen Regina Salgado e Elaine Prodócimo, apresenta resultados de pesquisa realizada com setenta e quatro alunos do ensino médio de uma escola pública, por meio de aplicação de questionários, com os objetivos de compreender as diferenças entre *bullying* e *cyberbullying* do ponto de vista dos sujeitos; de que maneira se manifestam na escola e como a escola poderia agir para controlar a prática do *cyberbullying*.

Em *Construcionismo, políticas públicas e violência no futebol: da análise teórica à resistência política*, Felipe Tavares Paes Lopes conduz os leitores para outros espaços de vivência em que a violência também se revela sob diversas modalidades e que, em certa medida, configuram e requerem a elaboração de políticas públicas. O autor, neste artigo, enfatiza como a perspectiva construcionista pode contribuir para a análise e interpretação das políticas públicas de prevenção da violência no futebol.

A luta por visibilidade e cidadania da comunidade LGBT é apresentada por Hadriel Geovani da Silva Theodoro, no artigo intitulado *Engajamentos e trans-visibilidades de Laerte*



Coutinho no ciberespaço: um estudo de caso, por meio de análises de publicações por Laerte Coutinho - cartunista de renome nacional e pessoa transgênera-, no site de rede social Facebook, entre os meses de janeiro e abril de 2015.

Em artigo intitulado Violência Familiar: Invisível aos Olhos da Sociedade, de Clarissa Maria Aquere Szadkoski, a violência é colocada em debate, por meio de pesquisas realizadas na escola. Nele, a autora enfatiza a importância da escuta afetiva nas relações entre a família, a escola, os alunos e os educadores para dirimir a violência familiar.

Considerando-se que a palavra violência, tal como consta nos dicionários, está vinculada ao uso de força física e intimidação moral em atos que podem culminar em acidente, morte ou trauma psicológico. Ela está tão presente no nosso cotidiano a ponto de requerer complementos, tais como: doméstica, escolar, familiar, urbana, física, moral, sexual, patrimonial entre outros. A entrevista, por Pedro Goergen, contribui para que o leitor possa refletir sobre os modos de manifestações da violência, da relação entre a violência e os meios de comunicação na contemporaneidade e sobre a relação entre violência e educação.

A resenha de André Luis dos Santos para a obra Cultura da Conexão (São Paulo: Editora Aleph, 2014, 408 p.), de Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford, na qual os autores tratam do universo das culturas digitais em busca da compreensão dos movimentos de propagação de conteúdo em comunidades em rede. Vale conferir, nesta resenha, como os autores da obra adentram esse espaço novo e em franca expansão.

Por fim, agradeço a contribuição dos autores e avaliadores, bem como à equipe: Silmara Pereira da Silva, Vilma Franzoni, Paula Valelongo e Luiz Fernando Santos. Agradeço, principalmente, a você, nosso leitor que dará continuidade às reflexões... e, portanto, vida, ao nosso trabalho.

Maria Ogécia Drigo

Editora